

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)4 abr 2017 | O Globo | ANTÔNIO WERNECK werneck@oglobo.com.br

Blindagem sob ataque

Especialistas em segurança e até professores criticam ideia de Crivella para proteger escolas

Especialistas criticaram ontem o projeto do prefeito Marcelo Crivella de blindar escolas municipais localizadas em áreas de risco. Eles alegaram que a iniciativa, em vez de aumentar a segurança das unidades de ensino, pode ter efeito contrário. O temor é que o tráfico se aproprie das construções blindadas para usá-las como fortalezas em guerras entre quadrilhas ou até mesmo em confrontos com a polícia. A administração municipal informou que a empresa americana Gigacrete, com sede no Texas, nos Estados Unidos, fornecerá uma argamassa especial, capaz de resistir a tiros de fuzil, que será usada como reforço nos muros de 400 escolas situadas em regiões dominadas por bandidos. Na última quinta-feira, Maria Eduarda Alves da Conceição, de 13 anos, foi morta dentro da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza durante um confronto entre PMs e traficantes. O custo das reformas, que se inspira no projeto Cimento Social, implantado no Morro da Providência, não foi informado, mas a eficácia da medida já é colocada em dúvida.



FOTOS DE MÁRCIO ALVES

— Além dos efeitos colaterais, eu diria que é impossível blindar completamente uma escola. Isso parece uma miragem, não existe. Seria muito melhor o prefeito buscar medidas de redução de risco para moradores e estudantes, como procurar o secretário estadual de Segurança para garantir a redução de confrontos perto de escolas. É importante que a polícia não troque tiros com traficantes nesses ambientes — disse o sociólogo Ignácio Cano, coordenador do Laboratório de Análise da Violência da Uerj.

O projeto de blindagem de escolas está sendo tocado diretamente pelo gabinete de Crivella. Além dos valores envolvidos, não foi informada a forma de contratação da fábrica americana, que fornecerá a matéria-prima. Marcelo Ramos Ruizree, da Associação Brasileira de Profissionais de Segurança, observou que, além do custo, deve ser considerado o risco de os equipamentos passarem para o controle do tráfico, que se beneficiaria da suposta melhoria.

— Acho o projeto uma loucura, um delírio. Como a criminalidade desfruta de total liberdade no interior das comunidades, as escolas poderão se tornar, dependendo do projeto adotado, excelentes posições para o tráfico,

nas quais criminosos com armas de guerra vão se defender e disparar com mais segurança contra as incursões policiais ou bandidos rivais — afirmou Ramos.

No site da empresa americana, vídeos promocionais garantem que o produto, feito com um gesso especial, cria Marca da guerra. A TV que ficava na sala da direção da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza foi destruída por um tiro disparado no dia em que Maria Eduarda, de 13 anos, foi morta uma superfície resistente a impactos de várias armas, inclusive de fuzil. Empresas brasileiras que trabalham no ramo informaram que blindar um muro com 40 metros quadrados pode custar cerca de R\$ 140 mil.

Crivella se inspirou em uma ideia da época em que era senador. Em 2007, ele anunciou que iria blindar barracos do Morro da Providência, na Gamboa. O projeto, batizado de Cimento Social, acabou modificado — foram feitas apenas reformas —, depois de ser duramente criticado sob o mesmo argumento de que o tráfico poderia assumir o controle dos imóveis. O Exército, que foi parceiro da iniciativa, confirmou ontem que o projeto começou em dezembro de 2007 e se limitou à “revitalização de fachadas e telhados de moradias populares localizadas na Providência”.

Ainda segundo o Exército, “o projeto foi implantado por meio de um acordo de cooperação técnica firmado entre o Ministério das Cidades e o Ministério da Defesa, por intermédio do Comando do Exército, que conduziu as obras empregando a Comissão Regional de Obras da 1ª Região Militar e o Batalhão Escola de Engenharia (BESE). Na época, o governo federal chegou a liberar para o Exército R\$ 11,6 milhões para a realização das obras de blindagem no Morro da Providência. CIMENTO SOCIAL NA PROVIDÊNCIA O secretário municipal de Conservação e Meio Ambiente do Rio, Rubens Teixeira, lembra bem do Cimento Social. Escolhido por Crivella para gerenciar o projeto de blindagem das escolas, ele atuou, em 2007, como assessor do então senador.

— Havia realmente, naquela época, um debate para blindar as casas dos moradores com cimento especial. Mas não foi à frente — afirmou o secretário.

Rubens Teixeira é mestre em Engenharia Nuclear pelo Instituto Militar de Engenharia (IME), especializado em fortificação. Capitão da reserva do Exército, formado na Academia Militar das Agulhas Negras, ele disse que foi aconselhado a utilizar a argamassa especial por oficiais e amigos do Exército.

— Como o prefeito queria um produto fácil de ser usado, meus colegas do IME indicaram a empresa do Texas. Eles têm pesquisas avançadas sobre estruturas de concreto com resistência balística — contou ele, que trabalha em parceria com a Secretaria municipal de Educação.

Gerente comercial de uma empresa de segurança, Marcio Wruck, que há 11 anos atua no mercado, nunca ouviu falar em argamassa especial para blindagem.

— Trabalhamos no Brasil com duas blindagens. A de concreto, com blocos; e a feita com chapa de aço de carbono, mais indicada para blindagem arquitetônica — explicou Wruck.

Mesmo entre professores, que também correm risco em escolas localizadas em áreas conflagradas, o anúncio de Crivella foi mal recebido. A professora Marta Moraes, diretora do Sindicato dos Profissionais de Educação (Sepe), considerou absurda a solução:

— Isso não resolve. Um governo que diz que está em crise vai resolver a situação blindando escolas? Parece descaso.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)